



**18º Congresso de Iniciação Científica**

**AIDS AVALIANDO COMPORTAMENTOS E VULNERABILIDADE EM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: IDENTIFICAÇÃO CONHECIMENTO SOBRE O CONTROLE, DISSEMINAÇÃO, RISCOS E PREVENÇÃO DO HIV/AIDS DE ESTUDANTES DO SEXO MASCULINO**

**Autor(es)**

---

TAINAH BARBOSA ALVES DE MORAES

**Orientador(es)**

---

MIRIAM RIBEIRO CAMPOS

**Apoio Financeiro**

---

FAPIC/UNIMEP

**1. Introdução**

---

A identificação, em 1981, da síndrome da imunodeficiência adquirida tornou-se, portanto, um marco na história da humanidade. A epidemia da infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) e da Aids representa um fenômeno global, dinâmico e instável, cuja forma de ocorrência nas diferentes regiões do mundo depende, entre outros determinantes, do comportamento humano individual e coletivo (BRITO; CASTILHO; SZWARCOWALD, 2000).

Como resultado das profundas desigualdades da sociedade brasileira, a propagação da infecção pelo HIV no Brasil, revela uma epidemia de múltiplas dimensões que vem, ao longo do tempo, sofrendo transformações significativas em seu perfil epidemiológico. De epidemia inicialmente restrita a alguns círculos cosmopolitas das denominadas metrópoles nacionais — São Paulo e Rio de Janeiro — e marcadamente masculina, que atingia prioritariamente homens com prática sexual homossexual e indivíduos hemofílicos, depara-se, hoje, com um quadro marcado pelos processos da heterossexualização, da feminização, da interiorização e da pauperização (BRITO; CASTILHO; SZWARCOWALD, 2000).

No Brasil, no período entre 1980 a 2000, foram notificados pela Coordenação Nacional de DST/AIDS um total de 196.016 casos. Destes, 64,3% (60.851) estavam na faixa etária entre 20 a 29 anos. Em adolescentes (13 a 19 anos), o número de casos notificados foi de 4.398 (4,9%) (BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO AIDS, 2000).

Apesar do número de casos ser menor entre os adolescentes, os dados sugerem que uma proporção significativa dos portadores de HIV podem ter sido infectados nessa faixa etária, considerando-se o período de latência da doença (estimada em 8 a 10 anos em média) (VAL, 2001).

Até 2007, o número de casos de adolescentes (de treze a dezenove anos) com Aids, notificados ao Ministério da Saúde, no Brasil, passou para 10.337, sendo 5.384 do sexo feminino e 4.953 do masculino; desses, apenas 180 adquiriram a doença por transmissão vertical. Não há registros do número de crianças contaminadas, via transmissão vertical, que já chegaram à adolescência ou à fase adulta (KOURROUSKI; LIMA, 2009).

Os adolescentes apresentam alta prevalência dos chamados comportamentos de risco para as DST, como: início sexual precoce, múltiplos parceiros sexuais, relações sexuais desprotegidas, uso de álcool e drogas ilícitas. Alguns adolescentes ainda apresentam outras situações de risco relacionadas com a vulnerabilidade social, como desemprego, baixa escolaridade, violência e falta de acesso amplo aos serviços de saúde. Esses e outros fatores como conhecimento deficiente sobre o uso do preservativo, gênero, falta de recursos para obtenção de preservativos, influência dos pares, uso de contraceptivo hormonal podem influenciar no seu uso (VIEIRA

et al. 2004).

Aproximadamente, 80% das transmissões do HIV decorrem de práticas sexuais sem proteção (THIENGO; OLIVEIRA; RODRIGUES, 2005).

Entre adolescentes com níveis distintos de conhecimento sobre a transmissão e prevenção de DST, os que apresentaram maior nível de conhecimento não necessariamente se protegem do risco de contrair uma infecção. A camisinha masculina é o método de prevenção de gravidez e da DST mais conhecido e mais usado entre os adolescentes, e os principais motivos alegados para a sua não utilização de modo consistente são: não gostar de usá-las, confiar no parceiro e a imprevisibilidade das relações sexuais (MARTINS; PAIVA; SOUZA, 2006). Estudos mostram que o uso do preservativo é um comportamento complexo que envolve tanto valores como aspectos afetivos e sexuais (CAMARGO; BOTELHO, 2007).

Ainda é necessário o desenvolvimento de novas estratégias de intervenção dirigidas especialmente aos adolescentes em condições desfavoráveis de vida, os quais constituem o segmento populacional de maior vulnerabilidade às DST e à Aids. Também devem incorporar a noção de equidade de gênero e superar os preconceitos que cercam a sexualidade dos adolescentes e os papéis sociais de homens e mulheres perante a vida reprodutiva e sexual (VIEIRA et al. 2004).

Os adolescentes são distintos entre si e lidam com sua sexualidade de forma diversa. Assim, o uso do preservativo é o oposto da espontaneidade que se costuma atribuir ao sexo e à juventude. O estímulo ao uso do preservativo deve incluir a dimensão do erotismo e da praticidade, não apenas do medo. (BRÊTAS; OHARA; MUROYA, 2009).

A prevenção tem sido desde o início da epidemia, uma questão crucial para os programas de controle da Aids. (AYRES, 2002). Segundo Francis e Chin (1987), a educação ao público é considerada uma das medidas mais efetivas para reduzir a disseminação da Aids, favorecida principalmente por relações sexuais com pessoas infectadas ou por exposição a sangue e seus derivados contaminados pelo HIV.

Contudo, este projeto de pesquisa, ao partir do referencial teórico de gênero, justifica-se ao apresentar a perspectiva da Saúde como um campo de conhecimento com possibilidade de contribuir na afirmação da vida, ao abordar um tema extremamente relevante e desafiante como o HIV/Aids, junto aos alunos do ensino médio de uma Escola Estadual do município de Piracicaba.

## 2. Objetivos

---

Esta pesquisa, ao partir do referencial teórico de gênero, considerará os estudantes do sexo masculino do Ensino Médio, com os seguintes objetivos:

- 1- Avaliar o grau de conhecimento desses alunos sobre HIV/Aids;
- 2- Avaliar a atitude desses alunos com relação ao HIV/Aids;
- 3- Avaliar o comportamento com relação à vulnerabilidade frente ao HIV/Aids;
- 4- Identificar o comportamento com relação à prevenção ao HIV/ Aids.
- 5- Identificar o grau de conhecimento com relação ao uso de drogas e disseminação do HIV/Aids.
- 6- Identificar o surgimento de alternativas que promovam a compreensão dos temas que transversalizam a epidemia do HIV/Aids e que promovam a importância do conhecimento, cuidados e tratamentos relacionados à prevenção do HIV/Aids.

## 3. Desenvolvimento

---

O trabalho foi realizado através da combinação de pesquisa bibliográfica e de campo. Trata-se assim de pesquisa qualitativa. A pesquisa bibliográfica será realizada no sistema de Bibliotecas da UNIMEP, da UNICAMP, e da USP, valendo-se das seguintes técnicas: levantamento bibliográfico inicial, correspondente aos temas-chave: Saúde-Epidemia do HIV/Aids, Aids-Universitários, Aids-Conhecimento, Aids-Vulnerabilidade, Aids-Prevenção seguido de análise textual, análise interpretativa e análise crítica.

Foi entrevistado um total de 60 alunos. Os dados coletados foram, de acordo com o questionário aplicado, divididos em 4 grandes e abrangentes grupos: perfil sócio-econômico, conhecimentos sobre a infecção pelo vírus HIV, hábitos sexuais e hábitos sociais.

A pesquisa de campo foi realizada, por meio da aplicação de questionário específico para o sexo masculino, seguida pela análise dos dados. O critério de inclusão será a situação de matrícula regular nas séries do Ensino Médio de uma escola estadual do Município de Piracicaba. A pesquisa está preparada para que a privacidade das pessoas participantes e a confidencialidade dos dados coletados sejam preservadas. No termo de consentimento cada participante teve assegurado sua decisão de interromper a qualquer momento sua participação na pesquisa e ressarcido de danos que possa ocorrer no processo.

Para análise dos dados computados foram feitas estatísticas descritivas, através de tabelas e gráficos, e análise de dados categorizados

#### 4. Resultado e Discussão

---

Na composição do perfil socioeconômico, os alunos apresentaram “faixa etária” com um número maior de respostas (73,3%) entre 15 a 18 anos.

Em relação ao “conhecimento dos alunos sobre a infecção pelo HIV” (Figura 1), a questão na qual indaga se o aluno já teve alguma orientação sobre a Aids, a maioria respondeu que sim (95%), constatando-se que foi através da Escola (83,3%), onde se obteve a maioria das informações. São dados importantes, pois a figura do professor tem um papel simbólico significativo nesse contexto. A família foi assinalada pelos adolescentes com uma representatividade de 35%, o que é bem menor com relação à da escola, como fonte de informação. Esses dados são preocupantes, levando-se em conta que a família deve estar sempre dentro do contexto educativo do adolescente e, portanto, um trabalho de maior aproximação deve ser contínuo e de grande ênfase num binômio família-escola.

No contexto familiar, muitas vezes os pais tem dificuldades em abordar questões de sexualidade com seus filhos adolescentes, justamente por não terem muito claro o que aconteceu com eles próprios. Desta maneira, muitos pais atribuem a tarefa da orientação sexual de seus filhos à escola e esta, por sua vez, apresenta dificuldade em cumprir tal tarefa. É importante considerar também o fato de que o professor pode sentir-se despreparado em lidar com aspectos da orientação sexual junto a seus alunos (BRÊTAS; OHARA; MUROYA, 2009).

Já a questão que aborda sobre as maneiras de infecção pelo HIV as alternativas “fazer sexo sem camisinha” (96,7%), “usos de drogas injetáveis”(76,7%) e “por transfusão de sangue”(70%), foram as mais assinaladas indicando que os jovens têm um certo conhecimento sobre a infecção, mesmo que a “transfusão de sangue” não seja hoje em dia um meio de risco para a infecção ao HIV. Na questão na qual aborda as maneiras de proteção ao HIV, as respostas com o maior número assinalado foi “usar camisinha”(98,3%) e “não compartilhar seringas”(81,7%). Quando questionados se a Aids possui cura, alguns alunos não sabiam a respeito e outros responderam “sim”(15%).

Sobre os “hábitos sexuais” dos alunos (Figura 2), a maioria respondeu já ter tido relações sexuais (63,3%). No item que diz respeito à compra do preservativo, 53,3% respondeu já ter comprado. Para a questão: “no momento caso você possua a camisinha onde está?”, menos de 50% dos alunos respondeu estar com a camisinha no momento da entrevista. Ao analisarem a alta vulnerabilidade dos adolescentes ao HIV/Aids, aponta-se que o conhecimento que os mesmos têm sobre a Aids diz pouco respeito aquilo que sentem e vivem no seu cotidiano. Ou seja, há informação, mas pouca abrangência e efetividade da comunicação com os jovens sobre o assunto, na medida em que essa comunicação não encontra ancoragem nas representações dos adolescentes. ”(THIENGO; OLIVEIRA; RODRIGUES, 2005).

A respeito dos “hábitos sociais” dos alunos (Figura 3), no item: “você convidaria uma pessoa portadora do HIV/Aids para freqüentar a sua casa?”, 70% responderam que sim e ao serem questionados se iriam a uma festa na companhia de uma pessoa soropositiva, 73,3% também citaram sim como resposta. Em relação às atividades que os alunos não praticariam se soubessem que no grupo há pessoas portadoras da Aids, “namorar”(70%) e em seguida “ficar”(46,7%) obtiveram a maioria das respostas assinaladas. Sobre o aluno ter preconceito em relação às pessoas soropositivas, grande parte afirmou não ter pensado a respeito (40%). O preconceito, a falta de informação, compuseram as características mais importantes que acompanharam o surgimento dos primeiros casos de Aids no Brasil, e, de certa forma, estende-se até hoje formando idéias e representações que foram se sobrepondo uma às outras (NASCIMENTO; BARBOSA; MEDRADO, 2005).

#### 5. Considerações Finais

---

Através dos resultados obtidos, podemos concluir no que diz respeito ao conhecimento apreendido pelos jovens sobre o HIV/Aids, observa-se que este se caracteriza pela reprodução das informações sobre as formas de transmissão e os meios de prevenção do HIV. Através dos hábitos sociais, demonstrou-se que o preconceito em relação ao soropositivo pode existir, já que um número razoável de alunos não tinham pensado a respeito sobre essa questão, o que indica uma atitude desfavorável ao HIV/Aids. Foram favoráveis as suas condutas com relação ao “comportamento sobre a prevenção do HIV/ Aids”, principalmente em relação à “compra do preservativo”, porém isso não significa que essas atitudes são incorporadas em seus cotidianos, pois quando questionados se “possuíam o preservativo no momento da entrevista”, menos de 50% dos entrevistados responderam que “sim”, ou seja, o fato dos adolescentes comprarem ou adquirirem o preservativo, não quer dizer obrigatoriamente que irão fazer o uso do mesmo.

As considerações feitas apontam para a necessidade de capacitação pedagógica dos profissionais que desenvolvem atividades

educativas com adolescentes. Ao se proporem estratégias de educação em saúde, deve-se considerar a importância do desenvolvimento de atividades dinâmicas e participativas, considerando a faixa etária, a orientação sexual, as diferenças sócio-econômicas e culturais, as representações sociais sobre a AIDS, que caracterizam a maior ou menor vulnerabilidade do grupo ao HIV/Aids.

## Referências Bibliográficas

---

AYRES, José Ricardo Carvalho Mesquita. Práticas Educativas e prevenção de HIV/AIDS: Lições aprendidas e desafios atuais. Interface: Comunicação, Saúde, Educação, São Paulo, v. 6, n. 11, p.11-24, 2002.

BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO AIDS. 23. a 36. Semanas Epidemiológicas. Brasília, v.13, n. 2, jul./set. 2000. [online] Disponível na Internet: (15 jan. 2010).

BRETAS, J.R; OHARA, C.V; MUROYA, R.L. Conhecimento sobre DST/AIDS por estudantes adolescentes. Rev. esc. enferm. USP, São Paulo, v.43, n.3, p. 551-557, 2009.

BRITO, Ana Maria.; CASTILHO, E.A.; SZWARCOWALD, Celia Landmann. Aids e infecção pelo HIV no Brasil: uma epidemia multifacetada. Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, v.34, n.2, p. 207-217, 2000.

CAMARGO, B. V.; BOTELHO, L. J. Aids, sexualidade e atitudes de adolescentes sobre proteção contra o HIV. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v.41, n.1, p. 61-68, 2007.

FRANCIS, D.P.; CHIN, J. The prevention of acquired immunodeficiency syndrome in the United States. JAMA, v.257, n.10, p.1357-66, 1987.

KOURROUSKI, M.C; LIMA, R.G. Adesão ao tratamento: vivências de adolescentes com HIV/AIDS. Rev. Latino-Am. Enfermagem, Ribeirão Preto, v.17, n.6, p. 947-952, 2009.

LEHMANN, E.L. Nonparametrics Statistical Methods Based on Ranks. San Francisco: Holden-Day, Inc., 1975.

MARTINS, B.M.; PAIVA, C.S.; SOUZA, M.H. Fatores associados ao uso de preservativo masculino e ao conhecimento sobre DST/Aids em adolescentes de escolas públicas e privadas do Município de São Paulo, Brasil. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.22, n.2, p. 315-323, 2006.

NASCIMENTO, Ana Maria Guedes do; BARBOSA, Constança Simões; MEDRADO, Benedito. Mulheres de Camaragibe: representação social sobre a vulnerabilidade feminina em tempos de Aids. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, Recife, v. 5, n. 1, p.77-86, 2005.

PEREIRA, J.C.R. Análise de Dados Qualitativos: Estratégias Metodológicas para as Ciências da Saúde, Humanas e Sociais. São Paulo: EDUSP-FAPESP, 1999.

THIENGO, M.A.; OLIVEIRA, D.C.; RODRIGUES, B.M.D. Representações sociais do HIV/Aids entre adolescentes: implicações para os cuidados de enfermagem. Rev. esc. enferm. USP, São Paulo, v.39, n.1, p.68-76, 2005.

VAL, L.F. Estudo dos fatores relacionados à AIDS entre estudantes do Ensino Médio. Dissertação (Mestrado). São Paulo. Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. 2001.

VIEIRA, M. et al. Fatores associados ao uso do preservativo em adolescentes do gênero feminino no Município de Goiânia. DST – J bras Doenças Sex Transm v.16, n.3, p.77-83, 2004.

VIEIRA, S. Bioestatística: tópicos avançados. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

## Anexos

---

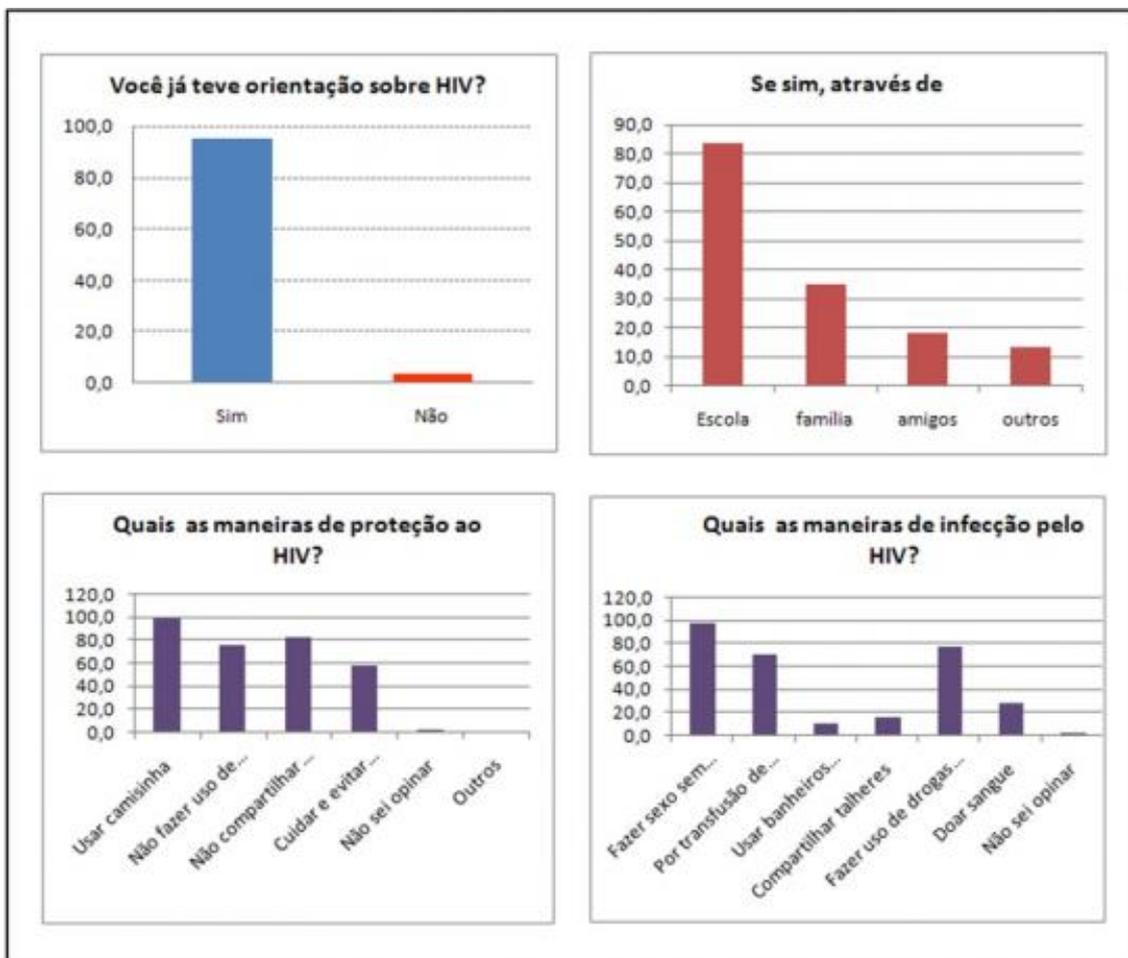
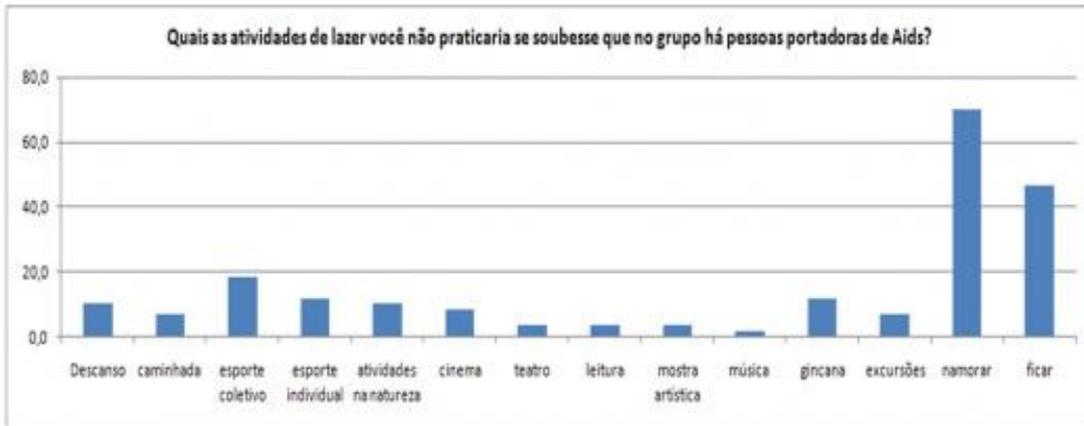
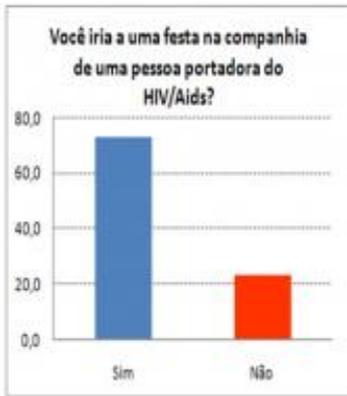


Figura 1: Conhecimento dos alunos sobre a infecção pelo HIV



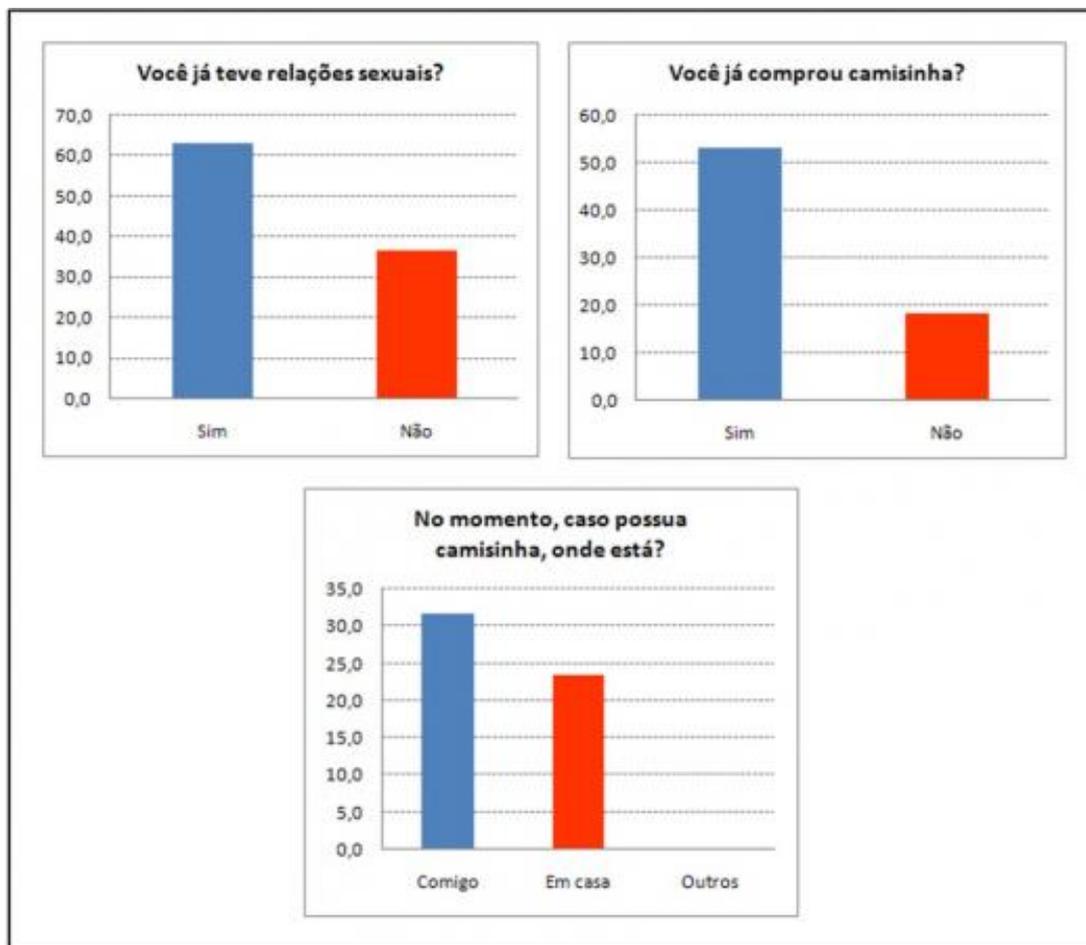


Figura 2. Hábitos Sexuais dos Alunos